

# DESCONSTRUÇÃO DO CÂNONE: A POLIFONIA DE VOZES E GÊNEROS LITERÁRIOS NA OBRA *METADE CARA, METADE MÁSCARA*, DE ELIANE POTIGUARA

Rosana Carvalho da Silva Ghignatti<sup>1</sup>

**RESUMO:** O presente artigo tem por objetivo apresentar a obra literária, histórica e autobiográfica da escritora Eliane Potiguara (2004) e suas nuances específicas que a definem como literatura de autoria indígena. Será feita uma reflexão sobre o recente processo da prática escritural indígena no Brasil, e a importância desta escrita para a divulgação dos valores da cultura indígena no tocante aos seus mitos, rituais, costumes e múltiplas linguagens artísticas e literárias. Pelo próprio caráter híbrido da obra em análise, iremos destacar os aspectos históricos da colonização portuguesa no Brasil e suas nefastas consequências para os povos indígenas; as características memorialísticas que perpassam toda a obra da autora, vista como autobiográfica; a representação da mulher indígena no contexto contemporâneo e a importância dos valores ancestrais que consolidam a cultura indígena como plural e ricamente humana. Como embasamento teórico para este trabalho destacam-se as pesquisas de Daniel Munduruku (2012); Graça Graúna (2004); Florencia Garramuño (2004); Édouard Glissant (2005); Spivak (2010) e outros que serão citados ao longo do artigo. O procedimento metodológico utilizado para este artigo será a pesquisa bibliográfica, com análise de textos literários e também problematização de teorias ligadas aos Estudos culturais. Além disso, espera-se, como resultado desta pesquisa que a literatura de autoria indígena possa ser divulgada mais amplamente, principalmente nas instituições de ensino do nosso país, haja vista o silenciamento que a mesma sofreu durante décadas no âmbito da sala de aula e também nos principais meios de divulgação cultural.

**Palavras-chave** – Literatura indígena feminina; Eliane Potiguara; Memórias; História; Ancestralidade.

**ABSTRACT:** This article aims to present the literary, historical and autobiographical work by the writer Eliane Potiguara (2004) and its specific nuances that define it as a

---

\* Doutoranda em Literatura e Cultura (UFBA)  
Professora de Língua e Cultura Indígenas (UNEB – Campus XXII)  
E-mail: rosanacs26@yahoo.com.br

literature of indigenous authorship. It will be reflected upon the recent indigenous writing practice in Brazil, and the importance of this writing in disseminating the values of indigenous cultures regarding their myths, rituals, customs and multiple literary and artistic languages. Due to the very hybrid nature of the work analyzed, it will be given special attention to the historical aspects of the Portuguese colonization in Brazil and its disastrous consequences for the indigenous communities; the memorialistic characteristics that pervade all the work of this female writer, seen as autobiographical, the representation of indigenous women in the contemporary context and the importance of ancestral values that consolidate the indigenous culture as something plural and richly human. As the main theoretical basis for this work I use studies carried out by Daniel Munduruku (2012); Graça Graúna (2004); Florencia Garramuño (2004); Édouard Glissant (2005) ; Spivak (2010), and some others will be cited throughout this article. The methodological procedure used for this article will be a bibliographic research with the literary texts analysis and also the problematization of theories related to cultural studies. In addition, it is expected as a result of this research that the indigenous' authorship literature can be disseminated, especially in educational institutions of our country, considering the silence that this one has suffered for decades within the classroom environment, and also in the main means of cultural dissemination.

**Keywords:** Feminine indigenous literature; Eliane Potiguara; Memories: History; Ancestry

## 1. INTRODUÇÃO

Este artigo procura apresentar a obra literária da escritora e militante indígena Eliane Potiguara (2004). O intuito de produzir uma pesquisa deste cunho bibliográfico dá-se pelo fato da literatura de autoria indígena ainda ser um campo pouco explorado pelos professores de Letras, pois ainda percebe-se que a vasta produção deste gênero ainda não se faz presente nas aulas de Literatura. Tanto nos cursos de graduação quanto nos Ensinos Fundamental e Básico observa-se que pouquíssimos alunos entraram em contato com as obras de escritores indígenas. Sendo assim, essa pesquisa terá importância na medida em que poderá divulgar os textos de autoria indígena para instituições oficiais como escolas e faculdades, e também em espaços culturais alternativos.

Pelo caráter plural da obra em análise, esse artigo desdobra-se em outros objetivos a saber: em um primeiro momento, no tópico intitulado “Singularidades da obra de Eliane Potiguara” iremos apresentar, em linhas gerais alguns dados biográficos da autora, o seu empenho para a consolidação dos direitos civis dos indígenas, além de problematizar alguns aspectos específicos do livro, a exemplo da denúncia sobre a violência contra os

índios, a marginalização das mulheres indígenas e a discriminação que ainda vigora no nosso país. Dando continuidade às questões desenvolvidas no tópico anterior, iremos traçar uma análise literária mais específica da obra, fazendo um recorte da mesma, e para isso, o tópico intitula-se “História, feminismo e ancestralidade na obra *Metade cara, metade máscara*”. Iremos perceber como a autora contextualiza dados históricos da colonização portuguesa no nosso país e as consequências negativas às quais os indígenas sofreram e ainda sofrem atualmente. A autora ainda irá destacar a importância da união entre os povos indígenas e o respeito e a valorização da ancestralidade para o fortalecimento de suas culturas. Como trata-se de uma mulher, Eliane Potiguara também problematiza questões femininas nas páginas do seu livro, trazendo a figura da mulher indígena para o centro de discussões atuais. Por fim, nas “Considerações finais”, procura-se destacar as contribuições desta pesquisa e os seus possíveis desdobramentos para o campo acadêmico, escolar e social no Brasil.

Observa-se que, apesar dos esforços promovidos pelo Governo Federal e por outras instituições culturais em divulgar as culturas indígenas nas escolas, nos meios de comunicações virtuais e até mesmo pelos próprios intelectuais indígenas, estas culturas ainda são uma incógnita para professores e alunos brasileiros. Muitos profissionais licenciados em Letras ou em outras disciplinas que se relacionam com a cultura e os costumes indígenas, como a História, a Antropologia e a Sociologia, não tiveram formações específicas sobre a vasta cultura que envolve os povos indígenas, deixando assim uma lacuna enorme em suas aulas. Os livros didáticos, voltados especialmente para as séries de ensino fundamental e médio, também fazem um recorte ainda pálido e por vezes superficial e deturpado das culturas indígenas, necessitando de uma revisão e de uma atualização urgentes.

Contudo, a partir da década de 1990, dois anos após o decreto da Constituição Federal de 1988, pode-se perceber, efetivamente uma gama de produções literárias indígenas, subdivididas em vários gêneros tais como literatura infantojuvenil, textos poéticos, relatos autobiográficos, crônicas e contos. Nesse período observa-se também um movimento político indígena brasileiro encabeçado por jovens indígenas que tinham saído de seus lugares de origem para estudarem nas universidades, possibilitando o surgimento de vários escritores como Daniel Munduruku, Eliane Potiguara e Graça Graúna. Além destes indígenas citados, outros também fizeram cursos universitários, mestrados,

doutorados e publicaram livros, teses<sup>2</sup> e dissertações acadêmicas com temáticas voltadas para questões indígenas.

No tocante ao ensino proposto nas escolas indígenas, observa-se, diferentemente das escolas regulares, uma aprendizagem diferenciada, inclusiva e multicultural proporcionando que povos indígenas tenham acesso à leitura e à escrita na sua língua materna e também na língua portuguesa. Sobre o assunto, a pesquisadora Cláudia Neiva de Matos (2011) nos possibilita a visualização de um panorama vasto de iniciativas políticas para a divulgação de atividades culturais voltadas para as questões indígenas:

Iniciativas inovadoras e democratizantes em educação indígena multiculturalista, implementadas por ONGs e em seguida também por instituições governamentais, foram estimuladas pela evolução da legislação, em diversas etapas. A Constituição de 1988, rompendo com a tradição integracionista, consagra o direito dos índios à prática de suas formas culturais identitárias e assegura, no ensino fundamental, o uso das línguas maternas e o bilinguismo. Em 1991, um decreto presidencial possibilita a integração da escola indígena aos sistemas de ensino regular, sob responsabilidade do MEC e das secretarias municipais e estaduais de Educação. Pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996, escolas bilíngues e interculturais devem propiciar aos povos indígenas, por um lado, a revitalização e/ou recuperação de seu patrimônio linguístico e cultural e, por outro lado, o acesso aos acervos e saberes da sociedade nacional e de outras sociedades indígenas e não indígenas. (MATOS, 2011, p. 30-31).

Dentre as escritoras que se destacam na missão de divulgar a cultura dos povos indígenas e de denunciar a situação de extremo esquecimento e exclusão ao qual os índios estão inseridos na cena contemporânea, destaca-se a militante Eliane Potiguara. Graduada em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e considerada uma das mais aguerridas participantes do Movimento Indígena, é poeta, escritora e já conheceu diversos países do mundo, sempre levando a sua mensagem de paz e união entre os povos indígenas. Foi também “a primeira mulher indígena do Brasil a participar de reuniões internacionais e de fóruns da ONU, para dar origem à Declaração Universal dos Direitos dos Povos Indígenas” (MUNDURUKU, 2012, p. 119). Eliane Potiguara é pioneira na arte de fazer literatura indígena, produzindo a primeira cartilha<sup>3</sup> voltada para os seus povos,

---

<sup>2</sup> Como, por exemplo, a tese de Doutorado da escritora indígena Graça Graúna intitulada: *Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil*, defendida na UFPE em 2003.

<sup>3</sup> “A cartilha trabalhava em quatro níveis de mensagem/informação: nível onírico/psicológico (plano dos sonhos, valorização dos velhos/as, valorização da mulher/mãe e sonhos com as mensagens dos avós). Nível cultural (tradições indígenas Potiguara), ao

editada na década de 1980. Outro feito relevante da escritora foi a criação do Grupo de Mulheres Indígenas, o Grumin, órgão de defesa, denúncia e apoio a todas as mulheres que sofrem ou já sofreram algum tipo de violência física ou discriminação cultural. A autora, que sofreu perseguições e ameaças de morte por denunciar as condições subumanas a que os índios estão submetidos atualmente, relata como testemunha, os mesmos dramas que os seus conterrâneos passaram.

## **2. SINGULARIDADES DA OBRA DE ELIANE POTIGUARA**

Como diversos indígenas, Eliane Potiguara, proveniente de uma família pobre da Paraíba, teve seus direitos violados, e foi forçada a migrar para o Rio de Janeiro, passando por privações materiais e sociais, sofrendo inclusive discriminação na escola pelo fato de ser índia. No entanto, graças ao incentivo da avó, a escritora foi persistente nos estudos, conseguindo estudar e, posteriormente passar em concurso público para a Câmara Parlamentar do Rio de Janeiro. Em entrevista a Daniel Munduruku, Eliane destaca a importância da sua vó para a sua formação acadêmica: “tive muita influência da minha avó, que era uma guerreira muito combativa e que, apesar de analfabeta, tinha bastante consciência de sua condição de mulher, pobre, nordestina” (MUNDURUKU, 2012, p. 122). A sua obra gira em torno da problemática da mulher indígena e, entre as diversas temáticas apresentadas no seu livro *Metade cara, metade máscara* (2004) estão a denúncia de exploração sexual, discriminação, pobreza e deslocamento compulsório que as mulheres indígenas passaram e ainda passam desde o processo da colonização:

Sobre as mulheres indígenas, a violação aos seus direitos humanos as tem conduzido às mãos de homens corruptos que as seduzem por um prato de comida, por programas, promessas eventuais que confundem o universo feminino, pois tais mulheres têm origem numa cosmovisão, valores, tradições totalmente diferentes do mundo urbano, envolvente, masculino [...] A maioria vai ser empregada doméstica como mão-de-obra-escrava [...] Vão trabalhar como operárias mal remuneradas ou nas grandes plantações dos latifundiários, num sistema de cativeiro, trocando seu trabalho por latas de sardinhas e nunca conseguindo pagar sua dívida com o contratante. Outras vezes vão morar com homens sem caráter que as transformam em objeto de cama e mesa, submetidas a agressões físicas e parindo dezenas de

filhos, para viver, miseravelmente, nas casas de palafitas na Amazônia” (POTIGUARA, 2004, p. 30).

A obra *Metade cara, metade máscara* (2004) possui gêneros discursivos extremamente ricos e diversificados. A característica altamente polifônica desta obra, ratifica a hipótese principal da pesquisadora Florência Garramuño (2014), que observa, em várias obras artísticas contemporâneas a deliberada corrosão de limites entre formas de expressão, suportes e discursos, onde se misturam prosa com verso e ficção com realidade, não ficando mais confinadas a um único gênero estético. Nesse sentido, o que se observa nessas recentes produções literárias é a fluidez de gêneros fixos, pois “acabaram-se os antigos rastros dos romances que começam em um dado lugar, seguem movimentos inelutáveis e terminam numa espécie de fatalidade” (GLISSANT, 2005, p. 151). O desdobramento e a profusão de formas híbridas no campo da arte, a recuperação de memórias individuais e coletivas relacionadas às experiências traumáticas caracterizam, por sua vez a literatura contemporânea de autoria indígena.

Percebemos isso na leitura da obra de Eliane Potiguara (2004), pois fica evidente a confluência de poesia, dados históricos, autobiografia, crônicas, entrevistas e depoimentos da própria autora, além de constituir um mosaico de denúncias de opressão e marginalização a respeito dos índios. Há também as figuras de duas personagens fictícias intituladas Cunhataí e Juripiranga, casal que é separado no processo de expulsão das terras, salientando todas as consequências que esse processo acarretou na vida dos mesmos. Na verdade, estes personagens constituem a própria história da vida de milhares de índios, quem sabe até da própria autora, que foram separados, mortos e desrespeitados na sua cultura e forma de viver:

Cunhataí tem os olhos de águia, Cunhataí tem a memória dos elefantes. Cunhataí tem as pernas de uma alce, velozes como as éguas. Cunhataí vislumbra o novo, apesar de sua angústia e quer saber onde está o seu amor, desaparecido por ação do colonizador. Cunhataí reconhece que as bases de suas tradições indígenas só serão preservadas quando sua família estiver unida, física e moralmente. Cunhataí sai pelas matas, pelos céus, pelos rochedos, pelas montanhas, rios e lagos buscando suas raízes fragmentadas e fragilizadas pelo colonizador de todos os tempos. Viaja pelo espaço e vai percebendo, como num filme, as histórias de outras mulheres, de outros guerreiros, crianças, velhas e velhos ou viúvos (as). Ela vai testemunhando a destruição das terras, a poluição dos rios, o saque das riquezas minerais. Os véus coloridos e transparentes vão se enegrecendo diante de seus olhos, os animais vão se transformando em carniças, as

lágrimas dos pajés e das velhas inundam seus cabelos negros e sua nudez” (POTIGUARA, 2004, p. 70).

Alfredo Bosi, no ensaio intitulado “Um mito sacrificial: o indianismo de Alencar” faz um paralelo entre os romances indianistas do autor de *Iracema* e a obra *Primeiros cantos* de Gonçalves Dias. Segundo Bosi, a obra deste poeta do século XIX, longe de configurar uma idealização romântica acerca dos índios, nos mostra um sentido mais crítico e realista do processo do Descobrimento, pois “o colonizador português aparece como velho tutor e avaro, cobiçoso da beleza de sua pupila, a América” (BOSI, 1992, p. 186). Os versos de Gonçalves Dias, permeados de tristeza e presságios agourentos, reflete a triste sina a que os povos autóctones estavam condenados quando os europeus invadiram os seus territórios: “[...] tu não viste dos bosques a coma/ sem aragem – vergar e gemer, / nem a lua de fogo entre nuvens, / qual em vestes de sangue, nascer”? (DIAS apud BOSI, 1992 p. 184).

Traçando um paralelo com os diversos poemas de Eliane Potiguara, pode-se notar que ambos seguem o padrão de denúncia do processo colonizador e, nesse sentido, apesar dessas obras terem sido publicadas em contextos e épocas diferentes, permite que o leitor desperte a consciência crítica do quanto os índios sofreram por causa da cobiça desenfreada do colonizador. Os reflexos desta cobiça, até hoje são sentidos por muitos indígenas e Eliane Potiguara, como porta voz da sua gente, permite, através da sua literatura, que este processo seja desvendado e reescrito:

## **INVASÃO**

Quem diria que a gente tão guerreira  
Fosse acabar um dia assim na vida.  
Quem diria que viriam de longe  
E transformariam teu homem  
Em ração para as rapinas.  
Quem diria que sobre os escombros  
Te esconderias e emudecerias teu filho – fruto do amor.  
Cenário macabro te é reservado.  
Pra lado tu corres,  
Se as metralhadoras e catanas e enganos

Te segue e te mutilam?  
É impossível que mulher guerreira  
Possa ter seu filho estrangulado  
E seu crânio esfacelado!  
Que são vocês que podem violentar  
A filha da terra  
E retalhar suas entranhas?

(POTIGUARA, 2004, p. 35)

No prefácio ao livro de Eliane Potiguara, Daniel Munduruku destaca a importância de muitos indígenas adquirirem a cultura letrada para retratar as suas representações culturais através de sites, blogs e livros literários pois assim poderão “dominar as letras, os números, os códigos sociais, os processos econômicos, as políticas e passarão a ser protagonistas da história, passarão de objetos a sujeitos de seu próprio destino” (MUNDURUKU *apud* POTIGUARA, 2004, p. 15). Desta forma, ao se apoderar da cultura letrada e institucional, a autora tem autoridade para falar, denunciar e ao mesmo tempo divulgar o processo cultural indígena pois

O espaço de multissignificação que é *Metade cara, metade máscara* sugere um conjunto de vozes tecido à luz do conhecimento ancestral, das tradições indígenas e, ao mesmo tempo, revela a estreita relação entre mito e poesia, história e memória, lugar e nação, identidade e alteridade (GRAÚNA *apud* POTIGUARA, 2004, p. 17).

Durante muito tempo a escrita de grupos tradicionalmente excluídos da sociedade não era publicada pelas instituições que detinham o poder intelectual. No século XIX, por exemplo, muitas mulheres que possuíam talento literário não se sentiam à vontade para assumir a sua própria autoria, recorrendo muitas vezes ao uso de pseudônimos ou até mesmo solicitando “favores” para que outros homens publicassem suas obras em seu lugar. Outras, por sua vez, eram desacreditadas por escritores canônicos, não obtendo créditos suficientes para fazerem parte de um seleto grupo intelectual.

Entretanto, na contemporaneidade além de observarmos uma sólida publicação de obras de autoria feminina, há também a profusão de mulheres indígenas e negras escrevendo, publicando e denunciando a situação de opressão e desrespeito que envolve esses grupos desde a época da colonização portuguesa. Para Graça Graúna, militante e



escritora indígena, “negar a existência da literatura de autoria indígena e afro descendente, por exemplo, é uma forma de preconceito literário” (GRAÚNA *apud* POTIGUARA, 2004, p. 20), chamando a atenção para a importância das editoras, universidades, livrarias, escolas e todas as instituições que fazem circular os produtos culturais, de divulgarem estas obras.

Há de acentuar a importância da leitura e da análise destes escritos, pois, até meados do século XX o que tem sido notado é que as vozes destas etnias foram silenciadas em detrimento da produção de antropólogos, historiadores e ficcionistas que retrataram os índios através de suas próprias visões. Édouard Glissant (2005), por sua vez, ao discutir a identidade das culturas na contemporaneidade, afirma que estes povos, tradicionalmente excluídos da sociedade etnocêntrica,

Necessitam construir sua modernidade à força, e cabe às artes em geral, e à literatura em particular a função essencial na propulsão do imaginário utópico de suas coletividades, do contrário, estas correm o risco de não se nomear, de calar sua voz, sua identidade e seu projeto coletivo (GLISSANT *apud* ROCHA, 2005, p. 7).

A obra de Eliane Potiguara procura resgatar a autoestima de povos indígenas, através da publicação de textos que envolvem aspectos positivos da cultura e das línguas destas comunidades, desconstruindo adjetivos pejorativos que foram publicados por cronistas portugueses desde o século XVI e se disseminaram pela sociedade brasileira ao longo do tempo. Além disso, em muitos trechos do livro *Metade cara, metade máscara*, há um chamado para que a mulher indígena se conscientize através da instrução e da luta política, pois a “mulher intelectual como uma intelectual tem uma tarefa circunscrita que ela não deve rejeitar como um floreio” (SPIVAK, 2010, p. 165):

## **MULHER**

Vem, irmã

Bebe dessa fonte que te espera

Minhas palavras doces ternas.

Grita ao mundo

A tua história

Vá em frente e não desespera.

Vem, irmã

Bebe da fonte verdadeira  
Que faço erguer tua cabeça  
Pois tua dor não é a primeira  
E um novo dia sempre começa.  
Vem, irmã  
Lava tua dor na beira-rio  
Chama pelos passarinhos  
E canta como eles, mesmo sozinha  
E vê teu corpo forte florescer.  
Vem, irmã  
Despe toda a roupa suja  
Fica nua pelas matas  
Vomita o teu silêncio  
E corre – criança – feito garça.  
Vem, irmã  
Liberta tua alma aflita  
Liberta teu coração amante  
Procura a ti mesma e grita:  
Sou uma mulher guerreira!  
Sou uma mulher consciente!

(POTIGUARA, 2004, p.76-77).

### **3. HISTÓRIA, FEMINISMO E ANCESTRALIDADE NA OBRA *METADE CARA, METADE MÁSCARA***

A obra polifônica de Eliane Potiguara transita por vários caminhos temáticos e teóricos. Em torno dos seus sete capítulos o leitor se depara com questões históricas, migratórias, de gênero e identidades, além de belos versos líricos sobre temas específicos das culturas indígenas como seus ritos, mitos, costumes, ancestralidade, nação e alteridade, pois “a visão dos povos indígenas em Potiguara é fruto da somatória de saberes ancestrais e dos chamados tempos modernos”, afirma Graça Graúna na Introdução desta obra (GRAÚNA *apud* POTIGUARA, 2004, p. 20). No primeiro capítulo intitulado “Invasão

às terras indígenas e a migração”, a autora denuncia as atrocidades cometidas pelos primeiros colonizadores, onde vidas foram decepadas brutalmente e doenças eram também as causas das mortes de muitos de seus irmãos indígenas:

Muitas famílias indígenas foram separadas pelas invasões estrangeiras. Invasões do passado, invasões do presente, invasões do futuro. No passado, as frentes de expansão econômica, as frentes missionárias, as frentes de atração eram as causas das transformações sociais das populações indígenas. A varicela, escarlatina, varíola, sarampo, gripe e tuberculose, em 1763, fizeram 7. 414 vítimas! O padre Fernandez escreveu, num de seus relatórios, que os portugueses e os mamelucos de São Paulo tinham assassinado, em 130 anos, 2 milhões de índios Guarani nas bacias dos rios Paraná, Paraguai e Uruguai [...] Era o início da solidão das mulheres, referentes inclusive à espiritualidade e à cultura indígenas (POTIGUARA, 2004, p. 23).

Ao fazer uma análise minuciosa sobre o passado colonial no Brasil e as consequências da empresa colonizadora sobre a vida dos índios, Eliane Potiguara não fica presa apenas a este passado. Na sua obra, que não tem começo, meio e fim lineares, perpassa também acontecimentos históricos da contemporaneidade, traçando assim uma relação imbricada e inseparável entre o passado histórico e o tempo presente. O resgate dos fatos históricos ocorridos nos séculos passados torna-se imprescindível para se entender o momento atual e observa-se que as fronteiras entre história e ficção tornam-se fluidas e complementares. Em artigo intitulado “História e literatura: algumas considerações”, Borges (2010) problematiza essa questão:

Devemos centrar atenção no funcionamento da linguagem literária, na pluralidade e na instabilidade do texto, na busca de recuperar os diferentes significados e as multiplicidades de sentidos, pois não há sentido fixo, congelado, estabelecido da obra [...] A ideia de um texto não fechado, da instabilidade de sentido, da pluralidade interna da linguagem, aponta que há textos abertos a reapropriações múltiplas, que permitem construções diversas de sentido (BORGES, 2010, p. 105).

Partido das considerações acima, observa-se que a literatura de Eliane Potiguara se apropria de fatos históricos, de dados oficiais e de análises atentas sobre a representação do índio feitas pelos primeiros cronistas e missionários do século XVI, para reescrever e denunciar esses acontecimentos, através de uma linguagem plural, permeada de

denúncias e ao mesmo tempo de intencionalidades políticas. A escritora situa as comunidades indígenas no século XX e, para tristeza e revolta de todos, observa-se que a intolerância, o racismo, os conflitos pela posse de terras fazem parte do cotidiano da maioria dos índios brasileiros.

A mulher indígena, merece um lugar especial na sua obra, pois ainda é presente o tráfico de mulheres indígenas nas regiões do país, onde a maioria vai ser empregada doméstica, usada para mão-de-obra quase escrava ou vão trabalhar como operárias mal remuneradas. Além disso “outra forma de tráfico de mulheres indígenas, é constatar a presença delas nos prostíbulos, nas zonas de baixo meretrício, onde vendem seu corpo por migalhas, contraindo AIDS ou [...] criando futuras crianças famintas ou portadoras do vírus” (POTIGUARA, 2004, p. 30).

O Grumin (Grupo Mulher-Educação Indígena) foi criado juridicamente em 1987 por militantes indígenas, e tendo a direção de Eliane Potiguara é um importante órgão de proteção e defesa das mulheres indígenas, além disso tem como objetivo “promover consciências à multiplicação de organizações de mulheres indígenas no Brasil” (POTIGUARA, 2004, p. 54). Um dos lemas deste grupo é que as mulheres tenham acesso à informação e à tecnologia para que possam lutar por seus direitos e denunciar quaisquer injustiças contra elas. A falta de respeito em torno das mulheres indígenas, o exotismo e a erotização do seu corpo, que permearam a literatura e as artes canônicas ao longo do tempo, devem ser repensadas pelo prisma da valorização e da dignidade.

Potiguara (2004), ao fazer uma análise da situação da mulher indígena na contemporaneidade, contextualiza e compara historicamente a mulher indígena do século XVII, afirmando que “as mulheres Guarani eram ouvidas nas Assembleias Indígenas [...] e tinham seu papel político extremamente determinado e forte” (POTIGUARA, 2004, p. 90). Esta citação vem denunciar o extremo silenciamento ao qual as suas descendentes são vítimas hoje e como a cultura indígena foi desrespeitada em detrimento dos valores ocidentais, haja vista que nesta sociedade branca, etnocêntrica e masculina é o homem que detém o poder, subjugando mulheres que ainda estão em situação de vulnerabilidade econômica e social.

Segundo Potiguara (2004), além das doenças trazidas pelo colonizador e que foram matando os índios em série, observa-se também que as invasões trouxeram desequilíbrios mentais nos índios como a loucura, o suicídio, o alcoolismo e a perda gradativa da autoestima, sendo que todos esses problemas que começaram há muito

tempo, perduram até hoje. O alcoolismo, por exemplo, também é tema de um livro do escritor indígena Kaká Werá Jecupé, intitulado *Todas as vezes que dissemos adeus*:

Até que um dia terminei empunhando uma lança. Quando um senhor do vilarejo crescido à nossa volta ensinou ao pai que me semeara a tomar certo líquido que dizia anestesiar as feridas do espírito. Um líquido ardente que cicatrizava a dor que doía por dentro. O pai, no início, passou a bebê-lo, mas depois, com as luas, o líquido é que lhe bebia. Liquidava-se. E o tempo fez com que sobre uma velha canoa de pesca seu corpo esquecido anoitecesse sob as últimas estrelas de sua vida [...] Foi a partir daí que empunhei a lança da revolta. Munido de flechas de ódio (JECUPÉ, 2002, p. 28).

A maioria das obras de autoria indígena possui traços autobiográficos. A fuga para o alcoolismo foi um meio encontrado por muitos indígenas para fugir da situação de opressão e violência à qual estavam inseridos. Com a migração em massa para os grandes centros urbanos, por conta da ocupação de suas terras de origem, muitos deles não se adaptaram aos valores capitalistas e individualistas das capitais brasileiras, sofrendo depressão, tristeza e exclusão desta sociedade. Além de acontecer com o pai do escritor Jecupé (2002), o alcoolismo também fez a avó de Potiguara (2004), a sua grande vítima:

Sua avó, analfabeta, sempre solicitava que a menina, já com 7 anos, escrevesse cartas a uma determinada pessoa na Paraíba e sempre chorava ao receber as respostas e por isso bebia demais, bebia cachaça pura, que era escondida atrás das panelas, sob a pia enegrecida pelo limo e pelo tempo de uso e que Carlos Alberto, irmão da menina despejava no ralo e substituía por água, deixando a idosa Lourdes revoltada (POTIGUARA, 2004, p. 26).

Outro tema importante da obra de Potiguara (2004) é a valorização da ancestralidade. Para as culturas indígenas o reconhecimento da ancestralidade se dá a partir do irrestrito respeito aos mais velhos da aldeia, prática cultural que vai na contramão da sociedade capitalista e hedonista. Enquanto a sociedade ocidental multiplica asilos e tratamentos desrespeitosos aos mais velhos, a cultura indígena faz o contrário, valorizando o conhecimento e as experiências que os mais velhos trazem. Em tom de solidariedade, Potiguara afirma que “o pajé, mesmo sem conhecimento científico do que sejam direitos humanos, é um dos maiores defensores natos da teoria e da prática desses direitos, além de um curador” (POTIGUARA, 2004, p. 85).

Daniel Munduruku<sup>4</sup>, em livro voltado para o público infantojuvenil retoma o tema da ancestralidade e do respeito aos mais velhos, ensinando às crianças e aos jovens brasileiros a arte de saber ouvir e respeitar os mais velhos, além de demonstrar a maturidade espiritual e moral que os mais idosos da aldeia possuem. Os ensinamentos dos idosos devem ser passados para as gerações mais novas, em um círculo de verdadeira comunhão e afirmação identitária entre os povos indígenas. Para o escritor, a pouca convivência que ele teve com o avô, “um velho índio que se sentava de cócoras para nos contar as histórias dos espíritos ancestrais a quem ele chamava carinhosamente de avós e guardiães” (MUNDURUKU, 2005, p. 7), foi suficiente para resgatar a história do seu povo e alimentar a sua autoestima em torno da condição de ser índio no Brasil.

Além de produzir diversos poemas com temáticas acentuadamente realistas e ao mesmo tempo líricos, a autora esclarece a importância do respeito aos ancestrais para a perpetuação de conhecimentos milenares, ao mesmo tempo em que denuncia que a sociedade capitalista, moderna e atual tem promovido a desvalorização dos idosos “postergando-os e arrastando-os para o corredor da morte lenta” (POTIGUARA, 2004, p. 83). A autora afirma que é tempo de resgatar os costumes orais, o respeito aos mais velhos para que as culturas indígenas não se percam ao longo do tempo, pois torna-se de fato “necessário fazermos uma reavaliação das histórias de vida de nossos velhos e velhas profetas [...] dando uma nova interpretação às suas palavras [...] começar a perceber nas profecias deles os verdadeiros caminhos para a construção da paz e da ética” (POTIGUARA, 2004, p. 84).

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Após fazer uma breve análise de algumas temáticas abordadas na obra *Metade cara, metade máscara*, de Eliane Potiguara, há de se destacar a dupla militância à qual a escritora se insere, pois além de defender os direitos de grupos extremamente excluídos da sociedade, ela também levanta a bandeira do feminismo, pois utiliza a literatura como porta voz de uma coletividade que ainda não possui seus direitos totalmente assegurados. Os casos de violência contra a mulher indígena, a falta de instrução que as distancia ainda

---

<sup>4</sup> MUNDURUKU, Daniel. *Meu avô Apolinário: um mergulho no rio da (minha) memória*. São Paulo: Studio Nobel, 2005.

mais de empregos respeitosos, o silenciamento da sociedade para ouvi-las ainda entristece a escritora e todos aqueles que militam na causa política e social por melhores condições para os povos indígenas.

No entanto, Eliane Potiguara, como integrante destas comunidades e detentora de saberes ancestrais e também ocidentais, provenientes da sua instrução acadêmica, fortalece as culturas indígenas na medida em que, por meio da literatura, de sites, blogs, viagens internacionais e fundações de ONGs, dissemina a riqueza cultural da qual faz parte. Nesse sentido, percebe-se o quanto é importante o papel intelectual ocupado e reivindicado por escritoras e militantes indígenas, pois além de ser um lugar tradicionalmente ocupado por homens, foi negado pelo patriarcalismo ainda vigente na sociedade brasileira e apagado pela empresa colonial durante cinco séculos.

A valorização das artes indígenas, a militância da escritora pelo mundo e a sua consequente missão em difundir a cultura milenar dos seus povos, os casos de submissão, alienação, alcoolismo, doenças e exclusão dos índios na sociedade contemporânea, constituem as diversas temáticas deste livro plural que ultrapassa inclusive a barreira dos gêneros literários. Além de alertar para os perigos que os índios passam na sociedade contemporânea, ao serem explorados por mãos ambiciosas e desumanas, Eliane Potiguara (2004) utiliza da sua literatura para fazer um pedido às autoridades brasileiras: “Reconheçam os Povos Indígenas como os primeiros povos desta terra e sem paternalismos, entreguem as terras que são de seus ancestrais, numa medida de reconhecimento, de compensação e restauração da dignidade indígena deste país” (POTIGUARA, 2004, p. 96).

Nesse viés, a literatura de autoria indígena constitui um marco para a sociedade brasileira no sentido de se verem reconhecidas as culturas que foram há séculos dizimadas e desfavorecidas por interesses mesquinhos e capitalistas, pois, como afirmou a própria autora no subcapítulo sobre Consciência e Movimento Indígena, “ as almas dessas pessoas devem ser respeitadas porque têm a história de seus antepassados; têm a história das mulheres e homens decididos” (POTIGUARA, 2004, p. 93).

A contribuição que esta pesquisa pretende alcançar está relacionada diretamente à divulgação de obras de autoria indígena, no sentido de se fazer mais presente no âmbito escolar e acadêmico. A sociedade brasileira ainda mostra-se incipiente nos seus interesses com relação às culturas de grupos tradicionalmente excluídos, e necessita-se com urgência

que profissionais da Educação, promovam debates, rodas de leitura, palestras e eventos nacionais que abarquem um maior número de obras indígenas.

As crianças, por sua vez, devem aprender desde cedo os valores das culturas indígenas, as características específicas de seus povos, pois sabemos o quanto nas aulas de História essas culturas ficaram esquecidas, ou até mesmo deturpadas pela Historiografia oficial. Portanto faz-se necessário a urgente revisão deste conteúdo exposto ainda nos livros didáticos através de leituras e discussões mais críticas sobre a História do nosso país, pois é através do conhecimento que os jovens brasileiros poderão questionar valores preconceituosos, promover leituras mais democratizantes e por fim, ansiar pela construção de um mundo melhor, sem preconceitos e tiranias, em prol do respeito à todas as culturas que foram silenciadas e violentadas pelo processo colonizador.

## REFERÊNCIAS

BORGES, Valdeci Rezende. “História e literatura: algumas considerações”. *Revista de Teoria da História*. Ano 1, Número 3, junho – 2010. Universidade Federal de Goiás. p. 94-109.

BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CHAVES, Flávio Loureiro. *História e literatura*. 3 ed. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1999.

GARRAMUÑO, Florência. *Frutos estranhos: sobre a inespecificidade na estética contemporânea*. Rio de Janeiro: Rocco, 2014

GLISSANT, Édouard. *Introdução a uma poética da diversidade*. Tradução de Enilce Albergaria Rocha. Juiz de Fora: UFJF, 2005.

GRAÚNA, Graça. “Identidade indígena: uma leitura das diferenças”. In: *Metade cara, metade máscara*. De Eliane Potiguara. São Paulo: Global, 2004. p. 17-21.

JECUPÉ, Kaká Werá. *Todas as vezes que dissemos adeus*. São Paulo: TRIOM, 2002.

MATOS, Cláudia Neiva de. “Escritas indígenas: uma experiência poéticopedagógica”. *Boitatá (UEL)*, Londrina/PR, v. 12, p. 29-51, 2011. Disponível em:



<http://www.uel.br/revistas/boitata/volume-12-2011/B1203.pdf>. Acesso em: 20 de abril de 2018)

MUNDURUKU, Daniel. *Meu avô Apolinário: um mergulho no rio da (minha) memória*. Ilustrações de Rogério Borges. São Paulo: Studio Nobel, 2005.

MUNDURUKU, Daniel. *O caráter educativo do movimento indígena brasileiro (1970-1990)*. São Paulo: Paulinas, 2012.

POTIGUARA, Eliane. *Metade cara, metade máscara*. São Paulo: Global, 2004.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

SPIVAK, C. G. *Pode o subalterno falar?* Tradução de Sandra Regina Gular Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.